

Especial

7 de Fevereiro de 2007 - Ano XIII - Número 430

## Vendedor de sonhos

**Miguel Nicolelis, um dos maiores cientistas do mundo, consolida o Instituto Internacional de Neurociências de Natal**



**Com dois laboratórios** em funcionamento e às vésperas de inaugurar outras cinco instalações, o Instituto Internacional de Neurociências de Natal (IINN) recebeu recentemente uma contribuição milionária de dona Lily Safra, viúva do banqueiro Edmond Safra. A pedido da doadora, o valor não foi revelado. Mas o coordenador do centro de pesquisas, o neurocientista Miguel Nicolelis, assegura que é a maior doação já realizada para um projeto científico no Brasil.

Atualmente, 12 cientistas trabalham para o instituto, que integra uma rede mundial de estudos sobre o cérebro. Localizado na pobre Macaíba, cidade com pouco mais de 60 mil habitantes, perto de Natal, capital do Rio Grande do Norte, o IINN também mantém uma unidade de saúde materno-infantil e um centro educacional para crianças e adolescentes.

“A idéia é clonar a experiência em regiões com os piores índices de desenvolvimento humano do Brasil”, diz Nicolelis. Por trás da iniciativa, há um desejo antigo, não realizado. “Santos-Dumont fez o primeiro vôo na França, e só depois foi abraçado como herói nacional. Quero que as crianças de Macaíba realizem os sonhos sob a luz do Cruzeiro do Sul.”

Apontado como um dos 20 pesquisadores mais importantes em atividade no mundo pela revista *Scientific American*, Miguel Nicolelis, 45 anos, abandonou o Brasil para realizar um sonho. Pretendia decifrar os intrincados códigos do funcionamento cerebral, mas encontrou muita resistência entre os seus pares, refratários à ousadia do médico que hoje dirige o laboratório de neurociências da Universidade de Duke, na Carolina do Norte (EUA), tido como o principal do planeta.

Com a autonomia propiciada pela instituição americana, ele criou uma técnica que capta impulsos nervosos do cérebro para garantir o movimento de próteses em pessoas paralisadas. Marco histórico do desenvolvimento científico, a experiência foi testada com sucesso em animais há três anos. E já existe um projeto em andamento no Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo, para a realização de uma cirurgia que permitirá a conexão do cérebro de um paciente com um braço robótico.

Apesar do sucesso no exterior, Nicolelis manteve o desejo de voltar ao Brasil e criar um instituto de pesquisas engajado com a transformação social do País, como ele conta nesta entrevista a *CartaCapital*.

### **CartaCapital: O que significa essa doação oferecida por dona Lily Safra?**

**Miguel Nicolelis:** Por uma determinação contratual, não estou autorizado a revelar o valor da contribuição. Mas posso garantir que é uma quantia bem generosa, seguramente a maior doação já realizada para um projeto científico no Brasil. Também conseguimos assinar recentemente um convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), no valor de 6 milhões de reais. O Hospital Sírio-Libanês deve investir outros 2 milhões de dólares. Assinamos ainda convênios com os ministérios da Saúde, da Educação e da Ciência e Tecnologia. Mas o governo brasileiro é um parceiro minoritário.

### **CartaCapital: Quando surgiu a idéia de implantar um centro de pesquisas no Brasil?**

**MN:** Em 2002. No movimento da sucessão de Fernando Henrique Cardoso, a candidatura de Lula começou a mostrar para as pessoas, não só no Brasil, mas também para os que estavam fora do País, que talvez fosse o momento de construir a nação. Eu tinha o sonho de um dia trazer de volta para o Brasil algo que eu tinha aprendido. Aprendi, sozinho, na Universidade de Duke, cercado por pessoas das melhores universidades do mundo, que a única coisa que importava era descobrir até onde eu podia ir. Mas eu conheci lá esse modelo de gestão científica, de busca da excelência, de desafio com você mesmo.

### **CC: Por que isso não foi possível na Universidade de São Paulo, onde o senhor ensinava?**

**MN:** Eu tive muita dificuldade na USP. Quando comecei a fazer minhas coisas, passei a sofrer uma pressão grande e tive de ir embora. Em 1983, era aluno da Faculdade de Medicina e desenvolvi um sistema para mapear a distribuição da infecção hospitalar nas unidades do Hospital das Clínicas. Transformei em gráficos os dados de tabelas que ninguém conseguia decifrar. Passamos a ter uma imagem espacial e temporal da variação das bactérias no hospital. Publiquei diversos trabalhos sobre o tema. Fui convidado pelo Departamento de Cirurgia para dar palestras aos meus professores. Era capaz de demonstrar que o grau de resistência de um determinado antibiótico flutuava ao longo do tempo. Também descobri o fenômeno da sazonalidade da infecção hospitalar, das espécies que aumentavam e diminuíam ao longo do ano. Algumas unidades do HC tinham tipos de bactérias que matavam 100% das pessoas infectadas. Ganhei muitos prêmios e inimigos em decorrência desse trabalho. Eu era apenas um aluno do quinto ano de faculdade.

**CC: O senhor foi vencido pela resistência?**

**MN:** Sem dúvida, não havia como ficar. Desliguei-me. Fui, talvez, um dos únicos professores da USP que pagaram uma multa de rescisão. Tudo o que tinha aqui no Brasil foi dado para pagar essa rescisão. Mas valeu cada centavo, porque tive a oportunidade de desenvolver com autonomia as minhas pesquisas em neurociências, nos Estados Unidos. Passaram-se 20 anos. Em 2002, eu estava decidido a voltar para cá. Sidarta Ribeiro, o atual diretor do Centro de Pesquisa de Natal, foi trabalhar como pós-doutorando na Universidade de Duke e eu disse: "Quero fazer algo no Brasil. Mas algo como nunca foi feito".

**CC: O que significa isso?**

**MN:** Não queria simplesmente criar mais um instituto de pesquisa para seguir o mesmo modelo da academia brasileira, para virar outro elefante branco, onde todo mundo se adora, mas ninguém entende o que eles falam. Dessa forma, o único discurso da ciência passa a ser: "Nós precisamos de dinheiro". Não dizem, no entanto, para que e nem por que o País precisa investir em ciência. Quero fazer algo que mostre que a ciência faz parte da equação da soberania de uma nação do futuro. Se o Brasil não investir nisso, pode esquecer. Nem precisa de marines entrando aqui pela costa. A dominação vai ser em outro nível, mas vai ser perpétua.

**CC: Qual é a relação dessa proposta com a vitória de Lula? De onde vem a esperança?**

**MN:** Trabalhei com ele. Vi de perto o crescimento de certas coisas. Em 1977, estava na ABC paulista. Acompanhei as greves. Eu era estudante. Fui fundador do PT. Fiz campanha em 1982. Tirei fotos do começo da carreira do presidente e as doei para a Universidade de Campinas. Lá, em algum lugar, há um arquivo com as fotos da campanha de 1982, na qual Lula foi derrotado e ficou em quarto lugar na disputa para o governo de São Paulo. Lembro do comício da derrota na praça Charles Miller. Tinha a certeza, no entanto, que ali estava o futuro presidente do Brasil.

**CC: O que mudou com a eleição de Lula?**

**MN:** Bom, sou um exilado. Mas, na minha casa, isso é um tema recorrente.

**CC: Às vezes, o exilado vê as coisas com maior clareza...**

**MN:** Eu não moro aqui, não posso julgar. Não vivo o dia-a-dia. Mas acredito que o Brasil é o pulmão da democracia no mundo. Por onde eu passo, sempre ouço falar que somos a esperança da democracia. Muita gente diz que a China é o país do futuro, mas ela não é uma nação democrática. Como exilado, ouvem-se muitas coisas sobre o Brasil, de pessoas que não têm nenhum interesse político. Todos concordam nesse ponto. Nossas eleições contabilizam mais de 100 milhões de votos em menos de quatro horas, sem nenhuma disputa jurídica. Um ex-metalúrgico, nascido nos cafundós de Garanhuns, foi eleito presidente da República sem contestações. Acredite, este país tem chance!

**CC: O que representa a eleição de 2002?**

**MN:** A concretização do que não houve em 1984. Eu estava dentro da Câmara dos Deputados no dia da votação da emenda Dante de Oliveira, que previa a realização de eleições diretas. Ao sair do Plenário, vimos a população de Brasília em volta do Congresso. O Exército e a polícia foram acionados pelo general Newton Cruz para dar um jeito nos manifestantes. Mas os militares tiveram de recuar, porque foram cercados pela população de Brasília. Nessa hora, pensei: "Agora vai de vez". Não foi. Dezoito anos depois, aconteceu. Nós elegemos um presidente que veio de onde veio. O processo eleitoral foi respeitado, não houve divergências.

**CC: Ainda assim, nas últimas eleições, o presidente Lula teve de enfrentar uma maciça campanha da mídia que tentou solapar a candidatura dele.**

**MN:** O ano de 2006 é consagrador da vontade popular. O povo brasileiro elegeu Lula, apesar das manchetes da maioria dos meios de comunicação, com exceção de publicações como *CartaCapital*. Outras de renome mundial, como a revista britânica *The Economist*, foram extremamente parciais. Eles só falavam da corrupção. No Brasil, também houve a exceção da revista *Caros Amigos*. Nos veículos de comunicação tradicionais, como a *Folha de S.Paulo*, o *Estadão* e a *TV Globo*, o tópico era claro. Li, por exemplo, uma coisa extremamente curiosa em *CartaCapital*. Até onde eu saiba, no Brasil, não é crime comprar dossiê. Agora, procurou-se o crime.

**CC: Se provassem que era dinheiro público, tudo bem, mas não provaram.**

**MN:** Claro. Nesse caso, seria um crime seriíssimo. Como cientista, eu vivo de fatos. Fatos e dados que analiso para produzir uma conclusão. Vi poucos fatos nas acusações ao governo federal. Teve muito burburinho, e a gente fica sem saber o que é factível. O interessante é que outro dia estávamos em Macaíba, em nossa construção, e o nosso chefe de obras estava lá... Ele ficou um ano desempregado e voltou a trabalhar nessa construção do Instituto Mental. Perguntaram para ele: "E aí, seu Felipe, o que senhor acha de tudo o que está acontecendo?" Ele respondeu: "No Brasil, já tentamos sociólogo, médico, tentamos de tudo. Eu vou continuar votando no semi-analfabeto, porque hoje eu como frango" (*risos*). O que mais você pode debater quando um cara do interior do Rio Grande do Norte diz isso?

**CC: Isso não revela o fracasso dos "formadores de opinião?"**

**MN:** Temos, no Brasil, o que já acontece nos Estados Unidos. A mídia virou um veículo de entretenimento. Aqui, talvez, a situação seja até pior. Não é nem entretenimento puro, é marketing de certas opiniões. Mas as urnas revelaram o que o povo brasileiro quer, não dá para esconder.

**CC: É o sistema que está podre?**

**MN:** Exato. Temos de rever a ética de toda a sociedade. O Brasil adotou uma política para combater a corrupção absolutamente ineficiente, porque ela engessa o País. Os honestos não conseguem fazer nada. Para evitar desvios, o governo engessa a tomada de recursos públicos. O ministério não opera, não executa. Seria melhor liberar os recursos e criar um bom mecanismo de auditoria, de prestação de contas. Claro, quem é bandido deve ir para a cadeia. O grande problema é a impunidade. Mas precisamos liberar algumas coisas. Hoje, o País não consegue andar.

**CC: Por que o senhor é tão otimista em relação ao futuro do Brasil?**

**MN:** Depois de identificar uma possibilidade de mudança nos rumos do País em 2002, eu e alguns amigos cientistas interpretamos que aquele era o momento de oferecer uma contribuição. Então, nós idealizamos o projeto do Instituto Internacional de Neurociências de Natal. Não existe nada igual a esse projeto no mundo, do ponto de vista científico. Para começar, o lema é o uso da ciência como um agente de transformação social. Não pretendíamos criar simplesmente um instituto de pesquisa, e sim um núcleo de excelência em pesquisa. Essa é a nossa primeira experiência, mas gostaríamos de fazer outros 12 núcleos como esse pelo Brasil. O princípio é usar a ciência para transformar uma realidade de uma comunidade, de tal sorte a criar um núcleo de auto-sustentabilidade.

**CC: O projeto foi criado intencionalmente fora do eixo Rio-São Paulo?**

**MN:** Isso é completamente intencional. A questão da ciência esbarra no federalismo nacional. O País é mais do que os Jardins paulistanos e Ipanema. A ciência tem de penetrar todo o Brasil e colher os talentos de Santos-Dumont que existem pelo País afora, e cuja única oportunidade de fazer ciência está em passar por uma universidade. Esse caminho o Brasil não tem mais tempo de seguir. Precisamos ir atrás dos talentos onde eles estão, e dar condições para exercerem essa ação de transformação social. No momento em que se libera a criatividade adormecida, cria-se uma avalanche. Na minha opinião, esse fenômeno virá do Nordeste e do Norte. A avalanche que vai mudar o Brasil é a mesma que vai mudar a geopolítica do mundo, que deve inverter a relação entre os hemisférios Norte e Sul. No momento em que o Hemisfério Sul perceber que a revolução energética – que está para acontecer – surgirá na África, no Brasil e na Austrália, nós vamos inverter os papéis. O Hemisfério Sul vai deter o poder.

**CC: Como é essa revolução energética?**

**MN:** Essa revolução tem relação com o que queremos fazer em Natal. O nosso projeto tem um custo, mas precisamos gerar riqueza para poder pagar a conta social deste País. No Brasil, nós estamos sempre gerenciando crises. Criamos alíquotas bancárias para gerar um dinheirinho aqui e poder fazer um negócio ali. Nenhuma empresa faz um negócio desses. O pós-capitalismo é representado pelo surgimento da empresa social. O projeto Natal é um piloto, um experimento. Geramos conhecimento e o aplicamos para estimular o crescimento educacional, social, médico. Teremos uma atividade econômica que emprega gente, que cria um mercado. Então, podemos reverter parte desse lucro para pagar a conta de tudo isso. A outra parte do lucro pode ser investida para clonar a experiência em outro lugar. Isso pode ser aplicado na área energética. Estou convencido de que o futuro dependerá da atuação da biologia de ponta na criação de novas fontes de energia renováveis. O biodiesel é uma delas. Também podemos fazer etanol de casca de arroz, triplicar a produtividade do biodiesel de pinhão-mansão, mamona, girassol...

**CC: Qual é precisamente a importância desse pinhão-mansão?**

**MN:** É uma planta oleaginosa que pode ser uma alternativa à soja ou à mamona na produção do biodiesel. É uma árvore perene, dura uns 40 anos. O fruto tem um conteúdo bastante razoável, cerca de 40% da composição é óleo. Há projetos piloto com pinhão-mansão no norte de Minas Gerais, no Mato Grosso e no Tocantins.

**CC: Quando essa revolução energética pode acontecer?**

**MN:** Ela está para explodir. Acontecerá em breve. E qual é a beleza disso? Se a cadeia produtiva for baseada na agricultura familiar, o produtor que ganhava 300 reais com a venda de mandioca, passará a ganhar 3,5 mil reais com a venda de mamona ou do pinhão-mansão para a produção de biodiesel. Ao mesmo tempo que se oferece emprego aos pais dos meninos

que queremos atender nesse projeto, cria-se um mercado local. Esse mercado vai começar a ter demandas. Aí vem a avalanche. A China optou por misturar biodiesel no combustível de caminhões. Podemos vender para eles. Não precisamos vender para a América, não precisamos nos preocupar com o que a Europa vai fazer. O Hemisfério Sul passa a ser o centro geopolítico energético do mundo. O mais divertido é que muitas dessas oleaginosas, como o dendê, vêm da África. O continente tem uma mina de ouro verde para ser colhida. Viramos a equação do mundo.

**CC: A mudança virá do Nordeste?**

**MN:** Acredito que o Nordeste é a nossa Califórnia de 1830. O ouro está lá. Precisamos saber quem terá coragem de explorar essa riqueza. Claro que muita gente vai dar com os burros n'água. Mas também existirão os barões do ouro verde, pessoas que terão sucesso. Desde que façam isso com valores. As empresas que investirem no capital humano e social, muitos quilômetros à frente, ganharão dinheiro. Porque existirá um mercado, essas pessoas passarão a adquirir bens de consumo.

**CC: O senhor fala da empresa com preocupação social. No entanto, existem muito marketing e poucas iniciativas do setor privado que realmente têm o objetivo de transformar a realidade social.**

**MN:** Deve existir marketing social, porque também existem vantagens fiscais. Infelizmente, muita gente quer se aproveitar.

**CC: Será que a elite brasileira vai permitir ao pequeno produtor ganhar 3,5 mil reais na plantação de mamona para a produção do biodiesel? Ou os grandes latifundiários continuarão a dominar a cadeia produtiva?**

**MN:** Isso pode acontecer. Mas, não vejo como um pós-capitalista inteligente, um homem de visão, vai conseguir sobreviver nesta nova cultura empresarial. O cara que tinha uma sweatshop para fazer tênis ou camiseta não vai sobreviver, não tem como. Os mecanismos regulatórios estão chegando, as pessoas estão começando a ficar conscientes de que não é dessas empresas que elas querem comprar. É claro que alguém vai tentar fazer isso. Às vezes, as pessoas me perguntam: "A tecnologia em neurociência não pode ser usada para o mal?" Eu descobri um mecanismo que tira um sinal da cabeça e faz um macaco ou um ser humano controlar um braço mecânico independente. Bom, eu quis inventar isso para fazer com que pessoas paralisadas pudessem se mexer. Mas pode existir alguém que vai tentar fazer Deus sabe o quê. Não posso prever isso.

**CC: A solução está no consumo responsável?**

**MN:** O que eu quero dizer é que talvez esse empresário mesquinho não sobreviva. Do ponto de vista econômico, de lucro para os acionistas, o modelo que eu defendo é mais eficiente. Ao pagar 3,5 mil reais para o produtor rural, quando ele vende o óleo extraído da mamona, o agricultor terá uma renda muito melhor. Vai poder levar o filho para o médico, comprar iPod no supermercado. Ou seja, haverá uma nova atividade econômica. Esse empresário, se não for um idiota, vai se beneficiar disso a longo prazo. Haverá um mercado local e é disso que o Brasil padece.

**CC: Assim como alguns desejam a democracia sem povo, há quem imagine um capitalismo sem consumidor...**

**MN:** Exato. E também um capitalismo sem riscos. Ninguém quer arriscar nada no Brasil. Então, você propõe uma nova empreitada e eles sempre perguntam qual é o risco. Também exigem o retorno de 45% de capital investido em um ano. Nem nos Estados Unidos os investidores pedem um negócio desses. É insano. Não quer riscos? Põe o dinheiro no banco.

**CC: E por que manter a esperança no futuro do Brasil?**

**MN:** Essa é outra questão. Eu estava no Japão meses atrás e um cientista de lá me disse: "Descobri um novo método para aumentar a produtividade do etanol de cana-de-açúcar com uma câmara hiperbárica". Fiquei surpreso. "Por que você está falando isso para mim? Sou um neurocientista." Não entendi por que ele queria entregar o ouro tão fácil. Mas ele explicou que, mesmo se quisesse, não teria como produzir cana-de-açúcar no Japão. A produção brasileira de grãos supera 128 milhões de toneladas. Já estamos batendo o Canadá. Os Estados Unidos não têm mais onde plantar, a produtividade está no limite. Então, o Brasil torna-se o principal fornecedor mundial de grãos, de carne, de alimentos. Muito mais do que isso é o lugar de onde virá a alternativa energética do mundo. O Brasil já é a nação mais verde do mundo, em termos energéticos.

**CC: Em quanto tempo o País vai colher os frutos desse processo?**

**MN:** Na verdade, esse é outro ponto da ética brasileira. Está na hora de desistir da idéia de que o País que estamos construindo é para a gente viver. Esse é o preço do sonho, o equivalente do Santos-Dumont que não pôde voar tantas vezes. Precisamos imaginar que, talvez, não teremos condições de ver o sonho acontecer. Mas vale a pena construir para a geração que ainda nem sequer nasceu. Caso contrário, não teremos nada no futuro.

**CC: De onde vem essa sua admiração por Santos-Dumont?**

**MN:** Ah, isso vem da infância. Minha avó materna, a dona Lígia, incutiu em mim essa admiração pelas pessoas que fazem coisas fora do molde.

**CC: O espírito inovador?**

**MN:** Não, a ousadia. Minha avó valorizava mais a ousadia do que a subserviência intelectual. Ela mostrou que o caminho da mudança, na vida de uma pessoa ou de uma comunidade, só seria possível com uma ousadia fora do esquadrão. Esse é o caso do Santos-Dumont. Às vezes, dou aulas em universidades brasileiras e pergunto: "Quem é o maior cientista do Brasil de todos os tempos?" O público costuma citar nomes dos quais ninguém nunca ouviu falar. Eu digo que é o Santos-Dumont. O maior cientista e o maior inventor. Para voar, ele percebeu que era necessário ancorar o avião no corpo dele, porque constatou que o segredo de pilotar um troço daqueles era que o aparelho ficasse como uma extensão do corpo. É como um

violonista ou um pianista. O profissional cruza a barreira da imortalidade musical quando o violino ou o piano fazem parte dele, quando o cérebro incorpora o instrumento como parte do mapa do corpo.

**CC: Mas o que torna Santos-Dumont tão especial?**

**MN:** Ele não foi para a universidade, não fez doutorado, não defendeu tese, não participou de banca nenhuma. Ele fez. Era uma questão de fazer ou morrer, uma paixão tão profunda por desafiar o impossível que ele não se preocupou em passar em exame de qualificação ou ganhar bolsa.

**CC: Quais são os obstáculos para o desenvolvimento do Brasil, hoje?**

**MN:** Nós. O maior obstáculo somos nós mesmos. Isso também acontece em outros países. A grande causa da crise e do provável declínio da cultura americana é a profunda divisão que os Estados Unidos têm e que está comendo as entranhas da nação. Mas há diferenças. Lá, a divisão é por valores religiosos. Aqui, o grande obstáculo são os brasileiros.

**CC: Todos os brasileiros? Não há diferença entre a elite, em grande parte responsável pela situação atual, e o povo, que permanece na expectativa de alguma melhora?**

**MN:** O povo mostrou maturidade nas eleições de 2006. Sem dúvida nenhuma, nós temos aqui um problema seriíssimo de divisão de classes, de pirâmide de distribuição de renda. Mas, como eu tenho perambulado pelo interior do Brasil, por lugares onde poucas pessoas gostariam de ir, eu também vejo o outro lado da moeda. É preciso mostrar ao povo que o único caminho da sua independência é o seu próprio esforço, é a liderança.

**CC: Quais são os objetivos do projeto em Natal?**

**MN:** Pretendemos criar centros de pesquisa pelo Norte e Nordeste, em regiões com os piores índices de desenvolvimento humano do Brasil, lugares onde nenhum pesquisador da USP colocaria o pé. O Centro de Biotecnologia Alimentar, o próximo que quero fazer, será no sul do Piauí, onde há os primeiros registros da civilização brasileira, na Serra da Capivara. A fronteira agrícola está se aproximando do local, mas ainda se passa fome por lá. Em volta dele, vamos criar um pólo de projetos sociais, semelhante ao que será inaugurado, em fevereiro, em Natal. Será o primeiro projeto de educação científica infanto-juvenil do Brasil, para crianças da rede pública. Também vamos abrir um centro de saúde materno-infantil em Macaíba, um centro educacional para adolescentes e adultos. Teremos pesquisa de ponta em neurociência ao lado das ações sociais. Essas crianças vão navegar no meio da criatividade. Se um garoto revelar-se um gênio da astronomia, ele não vai precisar fazer Física na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Será o nosso astrônomo.

**CC: A proposta é revelar talentos em lugares até então esquecidos?**

**MN:** Santos-Dumont teve de sair do Brasil para voar. Teve de mostrar primeiro para o mundo quem ele era. Essas crianças vão poder voar aqui, sob a luz do Cruzeiro do Sul. Elas vão mostrar o talento primeiro para nós. Não precisarão se expor lá fora para que, depois, as abracemos como heróis nacionais. Esse é o drama do País.

**CC: Passa pela sua cabeça a possibilidade de essa área não ficar sob a soberania do Brasil? A Amazônia, por exemplo.**

**MN:** Eu nunca tive essa preocupação. Existem teorias de conspiração de todo o lado. Se eu ganhasse de herança uma empresa chamada "Brasil", procuraria explorar o potencial da biosfera brasileira. O meu medo não é perder a Amazônia por uma invasão militar. É perder a Amazônia por ignorância, o que é muito pior. É o desleixo.

**CC: Mais uma vez perder para nós mesmos...**

**MN:** *CartaCapital* publicou, em dezembro, um número que reflete a perda do nosso amor próprio. O índice de mortalidade juvenil por arma de fogo no Brasil é de 43,1 por grupo de 100 mil habitantes. Isso mostra que nós perdemos o respeito pelo próximo. Quando eu era criança, o índice que assustava a todos nós era a mortalidade infantil. O chocante é que esse número não está na primeira página dos jornais.

**CC: Mais de 50 mil brasileiros morrem assassinados por ano.**

**MN:** É uma guerra. No Vietnã, todas as perdas americanas não passaram de 55 mil pessoas. É a banalização da vida humana, do direito do próximo. Essa é a verdadeira mazela nacional. E nós não podemos culpar ninguém.

**CC: O País pode ser uma das grandes nações do pós-capitalismo?**

**MN:** O Brasil tem condições de ser, na área de biotecnologia, o que a Índia é para a Tecnologia da Informação. Se quisermos, podemos aceitar os contratos de multinacionais, que querem terceirizar a pesquisa, porque não agüentam mais

pagar a conta do Primeiro Mundo. Fazer o que a Índia fez. Capturar esse dinheiro de terceirização e investir. Os grandes empresários indianos ganharam muito dinheiro com os call centers. Mas eles tiraram um pedacinho do lucro e investiram em educação básica, nas favelas de Bombaim... Hoje, aqueles que foram educados com o dinheiro dos call centers estão produzindo chips, desenvolvendo softwares. O Brasil pode seguir o exemplo indiano. Para isso, tem de ter coragem para falar sobre assuntos que você não consegue nem discutir, hoje, no Brasil. O nosso debate sobre transgênicos e biossegurança é uma piada.

**CC: Como o senhor organiza seu tempo entre a neurociência, na Universidade de Duke, e o projeto em Natal?**

**MN:** É uma bela pergunta. Da meia-noite às 6 da manhã, sou neurocientista. Das 6h30 às 11h30 da noite, sou aquilo ali. Outro dia me pararam na alfândega americana e perguntaram: "Você viaja para o Brasil o tempo todo, o que faz lá?" Eu respondi: "Vendo sonhos".

**CC: Mas o Brasil está no caminho certo?**

**MN:** O Brasil está em uma reta, em movimento de ziguezague. Mas acredito que essa reta pode virar uma curva exponencial. Ela tem de virar uma curva exponencial. Esse ziguezague da reta é positivo, mas ele ainda não supre as necessidades do País. A desculpa de que o problema é a falta de dinheiro é uma falácia. É possível gerar recursos. Falta vontade política, porque capital humano nós temos. Na entrada do campus de Macaíba, nós temos um 14-Bis estilizado, com traços do século XXI. É uma escultura feita por um arquiteto de Brasília. A obra está lá para que, todas as manhãs, as crianças passem embaixo do avião e pensem nos próprios sonhos. Elas devem imaginar qual será o vôo de cada uma delas no futuro.

**\*Reportagem publicada na edição 427 de CartaCapital, de 17 de janeiro de 2007**